OLHO DE VIDRO – A televisão e o estado de exceção da imagem

Edi Sartori[1]

Um livro escrito pela filosofa Márcia Tiburi, pensadora livre em que aborda o tema sobre televisão, com a intenção de analisar filosoficamente a mesma. Um ensaio onde, a importância de liberdade de pensamento e recepção traduzem numa exposição de ideias para fazer quem o lê pensar.

Olho de vidro inicia com uma exposição sobre as motivações autorais que o criaram e finaliza com uma discussão sobre as relações entre pensamento reflexivo e imagem a partir da oposição entre filosofia e televisão. Com a intenção fundamental de formar a subjetividade do telespectador em tempos de aniquilação, como ela mesmo descreve, da figura livre e reflexiva do sujeito. Com isso O olho de vidro, pretende ser uma colaboração com os que estudam, fazem e assistem televisão.

O livro nos convida a uma provocação com uma frase que nos faz repensar a mídia televisiva, "o monitor da televisão está diante de uma caixa que se abre por meio de uma engrenagem autoativada". Baseado num vídeo Doll Face, de 2005, de Andrew Huang, que narra o encontro de um robô com uma televisão. Este encontro faz com que as imagens confusas da televisão fixam-se em um rosto igual ao do robô como se diante dele tivesse um espelho. A cada vez que o monitor se afasta confundindo as imagens, o mecanismo se expande para alcançá-lo, num evidente esforço de retomar a imagem espelhada de si mesmo.

O que seria isso? Somos abduzidos pelo espelho? Este aparelho, mais adiante comparado a uma caixa preta, estaria nos mascarando? O fato é, segundo a autora, que estamos diante da

[1] Mestranda em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie SP/SP Monitora de educação profissional pelo SENAI/RS e SENAC/SP. Coordenadora Hospital. Graduada em Administração Hospitalar pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS/RS. edisartor@hotmail.com

televisão sem muita chance de entendê-la ou de entendermo-nos diante dela. Falta-nos distância para pensar o objeto e entender a própria vida. Percebe-se isso claramente nas estatísticas, onde os altos níveis de audiência televisiva contra as baixíssimas estatísticas sobre leitura em nosso país.

A metáfora do olho de vidro vem dar conta de uma imagem com a qual o telespectador se relaciona, sem que esta imagem seja vista. Neste sentido, o aparelho, por sua vez, é o que Vilém Flusser (2002, p. 20) denominou como o "objeto cultural capaz de produzir bens culturais", ou, o objeto que tem a intenção de "modificar o mundo, programar e controlar". Fica a pergunta para "ingênuos"[2] telespectadores. Será? Pois como descrito no livro, além de "impor desejos, o olho também é órgão que nega o desejo". Esta é a função da televisão. Seria o horror do olho na condição humana.

Aqui cabe uma questão a ser pensada e repensada, então, se televisão é terra de ninguém, o que dizer da Internet? Seria também, analisada pelo extasiamento banal, onde, o espectador, refém, é capturado física e imageticamente pela televisão, aprisionado se submete a condição humana na figura de seus indivíduos?

De acordo com Tiburi (2011, p. 79-80), a televisão começa por ser campo de visão em que ver é uma atividade subjetiva, onde, ver torna-se a condição de possibilidade do olhar, como Didi-Huberman (1998, p. 29) definiu como a cisão: "que separa dentro de nós o que vemos daquilo que nos olha", ou seja, enquanto você assiste é ela quem vê.

Segundo a autora, o olho de vidro é, o inorgânico enquanto puro órgão, é a visão enquanto se apresenta como fenômeno total. O "ver-televisão" é muito mais contemplação do que ver na totalidade da experiência. Enquanto que na percepção hegeliana, entre tela e visão verifica-se a dialética entre senhor e escravo. Estaríamos revivendo a escravidão? Ou, estaríamos sendo promovidos a uma espécie de cegueira, a cegueira pela imagem.

Tiburi ressalta que, a visão sobre as coisas funciona como a lâmpada ou a luz da vela: no centro frio da luz nasce a razão que ilumina com mais força quanto mais se refere ao centro do turbilhão da luz. A televisão produz uma dupla traição, onde o real produz efeitos morais duvidosos, movendo o olhar pela crença e dirigindo ao incrível.

Fica aqui mais uma incerteza, pois, se a televisão produz um modo de ver, mas produz também uma evitação do ver, uma espécie de invisibilidade do visível e não a poética visibilidade do visível. O que pensar em relação ao espectador que se sente enfeitiçado pelo desejo de ver?

[2] Coloco aqui a palavra ingênuos entre aspas, pois os telespectadores não são totalmente ingênuos ou desprovidos de informações.

Tiburi (2011, p. 110), ressalta que a televisão se comparada a uma máquina fotográfica, é a ponta do iceberg de um processo histórico científico, estético, que culmina na possibilidade do digital -, o mecanismo da televisão implica a indecibilidade do ver. Nos ilude sobre sua natureza, dando-nos aquilo que em psicanálise chamou-se gozo escópico, ou seja, o telespectador é um traído pelo desejo de chegar às coisas, de tateá-las, de atingi-las pela degustação. Novamente nos cega, nos ilude, como se fosse hipnotizante, ou mesmo atua como programador imagético do comportamento de seus receptores, como mencionado por Flusser .

Como diria a autora, "se vemos televisão ou se ela que nos vê é a aporia essencial que põe em cena a distância. É ela que prisma nosso olhar, que o inflete. Nela o olhar se torna vídeo."

Portanto, a televisão é, assim, apresentada como campo de "tensão" em que a questão geral e sua reflexão são negadas pela absolutização da particularidade reduzida ao desejo pessoal de cada um. Mesmo sem enredo e sem diálogos, causa uma fascinação, mostra algo do qual "não se consegue tirar os olhos" (TIBURI, 2011, p. 119), por ser "incrivelmente realista". Sendo que na verdade, não há nada de real além de nossa percepção. Com isso coloca a vida do espectador na posição da exceção que caracteriza aquilo que Agamben chamou de "campo" (Idem, p. 123), a estrutura social em que o dentro e o fora, a inclusão e a exclusão, se confundem, pelo fato de sermos atingidos pelas telas sem chances de escapar e sem que haja um culpado ao qual se possa dar um nome.

Tiburi reforça, não somos a imagem, mas nos relacionamos a elas enquanto elas nos dizem algo de nós mesmos. Seria então um sonho refletido em imagens? Já que a tela serve de máscara para a qual olhamos enquanto pensamos. Ou deixamos de pensar enquanto sonhamos? Seria isso o que a autora chama de "fraqueza do ser humano diante da potência mítica da televisão" (Idem, pág. 148)? Que "tipo" de máscara aqui utilizamos? E o que dizer então de quem realiza seus sonhos através da tela? Que o telespectador é o puro olho uniformizado que dá consistência à audiência? Ou ele é parte da "comunidade inoperante" como referiu-se Jean-Luc Nancy (2000), sob o aspecto de sentido de vida, valorizado em contrapartida no mercado da audiência..

Segundo a autora, situado entre a política e o direito, estado de exceção é um termo que envolve o estado de necessidade sem forma jurídica. Trata-se de uma figura paradoxal da "forma legal daquilo que pode ter forma legal". Também chamo o estado de exceção de aprisionamento na liberdade, pois a imagem tem o poder de pôr o sujeito como uma instância a ela submissa. Para Benjamin (1985, p. 156) seria o mero vivente destituído de sua condição jurídica, enquanto a autora

reforça que a exceção seria estarmos diante dos plenos poderes da imagem, onde, esta dita o consenso sobre o que é a realidade a que convencionamos chamar de realidade.

Sobre a tela e o telespectador, a autora descreve que, a tela é ela mesma, órgão de controle dos corpos, se opondo aos livros, deixando a memória inerte, não se importando mais com o passado nem com o futuro, promovendo o analfabetismo , que aliás, esta crescendo a olhos vistos, aqui refiro-me ao analfabeto funcional, pois a educação, as leituras, estão deixando de ser atração para compartilhar a atração televisiva, onde a imbecilidade tomou conta do espaço da liberdade, seja de expressão ou de pensamento e a regra geral é a do silêncio (TIBURI, 2011, p. 183), eliminando o pensamento.

Assim é que é o controle das massas, insiste Benjamin (1985, p. 179), se torna contrarrevolucionário enquanto deveria ser o contrário. Dizendo: "esse capital estimula o culto do estrelato, que não visa conservar apenas a magia da personalidade, há muito reduzida ao clarão putrefato que emana de seu caráter de mercadoria [...], mas também a consciência corrupta das massas [...]". Segundo a autora, teria ele a impressão de ser parte dialética e não manipuladora do projeto televisivo, pois ela forja para ele a sua imagem, dando a ilusão de presença até que se verifique, pela proximidade, que tudo não passa de trompe-l'oeil, de anamorfose.

> O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas de
> uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.
> Guy Debord, A sociedade do espetáculo.

Seria essa a função da televisão? Mediar? Mas o que Tiburi expõe, é que, a televisão é um aparelho que transmite imagens à distância, e que, a imagem televisiva estabelece-se junto do tempo-espaço que ela mesma cria, enquanto Flusser diz que a distância é a relação entre tela e olho e que a imagem técnica para ser vista exige "superficialidade" (TIBURI, 2011, p. 194), portanto, a televisão enquanto imagem técnica e enquanto visão à distância, é um mecanismo de relação pela visão, ou seja, tela e olho alienado – sujeito eviscerado como prótese pela introjeção do monitor como nova retina. Estaria ele invertendo os códigos, os signos, a linguagem? O aparelho é ilusionista. Cabe aqui a questão. O que temos dentro de nossas casas? De que forma este aparelho vem sendo utilizado? Visto? Ou quem sabe até mesmo venerado por alguns telespectadores? Sim porque, segundo a autora, o fabricante tem consciência do funcionamento deste objeto. Faria ele a fabricação somente como forma de mercadoria? Pois se o telespectador vive um sonho dogmático,

a alienação seria a expropriação. Mas cabe uma reflexão. Enquanto seres humanos, devemos usar a "prótese", ou tela, em nosso beneficio, devemos nos relacionar a ela como sujeitos capazes de fazer uma leitura culta e observadora da tela que nos engana.

Já que, ver televisão é o ato consciente quando aquele que a vê é capaz de ver a si mesmo vendo. Como diz a autora, a televisão é uma complexidade específica. Aquele que vê televisão é o sujeito de uma relação à tela pela distância e pela aproximação que a camufla, além disso, o telespectador é alguém marcado pela distância, é um corpo comandado pela relação com o mundo, fazendo com que a distância tenha uma relação ambígua: interior e exterior dele mesmo, tendo uma percepção corporal em que ele possa ser contemplado, pois não há reflexão sem distanciamento. Isso requer experiência individual, reforça a autora, pois a distância é oscilação, é território de fantasmas, é algo irreal por facilitação, ou seja, não há necessidade de reflexão alimenta a ignorância do telespectador. Assim a distância provoca a aniquilação.

A realidade, segundo a autora, já não é mais imitada ou representada, mas simulada. No entanto, em se tratando de televisão não é errado dizer que a realidade é, na verdade, dissimulada. Será pelo fato, então, o individuo comparado a uma marionete? Pois, quem comanda o "espetáculo" é o diretor, ele é o soberano que decide tudo. Deixando claro que ali, dentro do aparelho, o que esta em vigor é o principio de que "tudo é possível". Seria a terra de ninguém? Ou do diretor? Pois, é ele que, tudo vê, tudo cria, tudo vigia, como um "Deus". Ou seria apenas bovarismo?

Sendo que, o advérbio "virtualmente" (TIBURI, 2011, p. 265) não define mais apenas uma possibilidade, mas a realidade da imagem que substitui nosso corpo no mundo. A isto podemos chamar esquizografia (antinarrativa vazia em si mesmo), a separação da vida em duas, uma vida real esquecida, enquanto outra vida imagética é vivida como totalidade do sentido. Fica a pergunta. Isso nos transforma em máquinas?

Referências

BENJAMIN, Walter. **A obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica**. Trad. Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. Trad. Paulo Neves.: Ed. 34. São Paulo, 1998.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**. Elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. **Filosofia da Caixa Preta**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

NANCY, Jean-Luc. **La Comunidad Inoperante**. Santiago: Universidad Arcis, 2000.

TIBURI, Márcia. **Olho de vidro**. A televisão e o estado de exceção da imagem. Rio de Janeiro: Record, 2011.